

CLARA E HELENA: CLAUSTRO DA HISTERIA E LESBIANIDADES NA TELENVELA “VAI NA FÉ”

Raabe Bastos¹
Gabriela Santos Alves²

RESUMO

A pesquisa busca observar as lesbianidades e o claustro da histeria, dessa forma, partimos da telenovela brasileira “Vai na fé” (2023), pesquisando Clara e Helena. Para refletir sobre essa questão o amparo teórico-conceitual do trabalho está firmado em Monique Wittig (2022), Adrienne Rich (2010) e Judith Butler (2022), autoras que pensam gênero e sexualidade através da teoria queer, permitindo amplo horizonte político sobre as lesbianidades para além da cisheteronormatividade. A respeito da histeria, utilizamos Lagarde (2016). No que concerne ao poder das telenovelas no imaginário social, os conceitos de Lopes (2009) são acionados. Para análise dos capítulos que dizem sobre as relações homossexuais, o método instrumental é inspirado em Rose (2008), que capta as esferas verbais e visuais das obras.

Palavras-chave: telenovela, Vai na fé, lesbianidades, claustro da histeria, identidades femininas.

1 Graduada e bolsista, pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), de Iniciação Científica no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: raabebastos19@gmail.com.

2 Orientadora do trabalho. Pós-doutora em Comunicação e Cultura (Eco/UFRJ). Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (UFES). E-mail: gabriela.alves@ufes.br.

INTRODUÇÃO

O estudo propõe a observação de como tem se dado a construção das personagens Clara e Helena na telenovela “Vai na fé” (2023), veiculada pela Rede Globo, entendendo que a trama perpassa noções a respeito da história e das lesbianidades, compondo um enredo onde há construção da noção de identidade das mulheres. Inicialmente casada com Théo, Clara está em um relacionamento abusivo em que tem sua sanidade posta em jogo, visto que o esposo realiza jogos psicológicos, em situação onde a manipula para que duvide de si mesma. No decorrer do folhetim, que tem batido recordes de audiência (O Globo, 2023), é inserida a personagem Helena, lésbica, professora de Clara na academia, ambas se aproximam e iniciam um relacionamento afetivo-sexual.

A pesquisa posta se faz de valia pelo fato de que as narrativas veiculadas pelas telenovelas globais estão colocadas na sociedade como representação do cotidiano, produzindo e reproduzindo valores éticos, morais e estéticos a respeito das temáticas que aborda, engendrando locais de possibilidades para os públicos (Miranda, 2011). No entanto, é necessária a observação de como tem se dado tais discursos em seus recortes que influenciam o horizonte político imaginário da população.

Paul B. Preciado, em entrevista concedida a Jesús Carrillo (2010), diz acerca da necessidade de entender os meios de comunicação como complexo aparato político e econômico, tendo ampla influência. Por essa ótica, é possível compreender como, no Brasil, parte significativa dos atravessamentos a respeito de gênero e sexualidade são perpassados pelas telenovelas por seu lugar de destaque nas vivências brasileiras (Miranda, 2011), portanto, sendo possível percebê-las como tecnologias sociais, remetendo como prática significadora e de sentidos, onde a produção discursiva é um dos seus ápices.

As interações dos folhetins com o cotidiano dos brasileiros propõe sentidos ao mundo, veiculando referências a partir de práticas discursivas que posicionam pessoas, assim, quando tais cidadãos assumem uma posição através de tal discursividade suas ações e ideias são guiadas portando o viés aprendido. Os empreendimentos pedagógicos das telenovelas nas subjetividades dizem sobre afetos que geram sentidos, tornando-se a tecnologia aplicada à sexualidade como dispositivo complexo de poder e saber que utiliza textos, discursos, leis e regras diversas que tem entre os seus objetivos, o da disciplina do corpo (Foucault, 2021).

Preciado (2017) aponta que tais tecnologias são comunicacionais, pois a televisão propicia “milhões de espectadores compartilharem uma experiência ao mesmo tempo comunitária e desencarnada” (Preciado, 2017, p. 164). O espaço

simbólico das telenovelas constroem e reconstroem sentimentos, valores, emoções, fantasias e sexualidades, acionando no imaginário papéis de normalidade/anormalidade, heterossexualidade/homossexualidade, masculino/feminino, atividade/passividade (Miranda, 2011). Observar a veiculação de tais narrativas a partir das representações e das recepções, faz perceber as mensagens produzidas pelo emissor, assimilando o poderio desses espaços sobre as lesbianidades denunciando estruturas compulsórias em relação às sexualidades.

A articulação das questões referentes a histeria e lesbianidades diz sobre imposições estabelecidas aos corpos e subjetividades das mulheres que não cumprem o que manda o patriarcado e a heteronormatividade, os discursos reinvocam uma relação estrutural de dominação (Butler, 2021). Tendo em vista o exposto, o artigo observa as personagens Clara e Helena no que se refere ao estabelecimento na loucura, no caso de Clara, e as lesbianidades, quando se trata de Helena, portanto, para devida análise da telenovela, utilizaremos a metodologia de Rose (2018) que compreende características próprias da composição da trama, captando as esferas verbais e visuais da obra. Faremos uma separação dos capítulos em que há ênfase na relação das personagens, categorizando os que dizem sobre histeria e lesbianidades. A pesquisa se desenvolve em uma amarra entre teorias referentes às lesbianidades, claustro da histeria, teoria queer, teorias feministas e Comunicação.

METODOLOGIA

O primeiro recorte pensado foi a pertinência de uma telenovela brasileira veiculando lesbianidades em 2023, este momento foi selecionado pelos avanços expressivos conquistados pela comunidade LGBTQIA+ nos últimos anos (Quinalha, 2022), assim como pela reação dos públicos do Brasil em relação ao casal formado por mulheres. Em relação a histeria, posta no corpo de Clara. O segundo recorte realizado tratou-se de observar os capítulos em que as lesbianidades e claustro da histeria estão em evidência.

O método instrumental de análise do material audiovisual será inspirado em Rose (2008), que capta as esferas verbais e visuais das obras, o intuito é perceber como se dão as narrativas sobre as lesbianidades e a histeria, o que é evidenciado e o que é silenciado em relação a gama de existência das identidades femininas. É de importância pesquisar o que está sendo endossado pelas telenovelas brasileiras em relação a essa sexualidade para averiguação das possibilidades e impossibilidades das mulheres que se relacionam entre si no que se refere ao horizonte político imaginário.

No processo analítico no que se refere às lesbianidades, o amparo teórico-conceitual será principalmente a partir de Monique Wittig, Adrienne Rich e Judith Butler, autoras que pensam gênero e sexualidade através da teoria queer, nos permitindo maior horizonte a respeito das práticas e identidades lésbicas. Sobre a histeria, os conceitos de Lagarde (2016) são acionados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreensão do claustro posto em Clara é necessário o entendimento da teoria: o vocábulo “histeria” vem do grego *histerus*, equivalente a “útero” (Huberman, 2015), configurando um ambiente próprio do feminino, onde corpos desviantes da norma patriarcal têm toda a sua história e possibilidade deslocadas ao campo da loucura, com imposições de costumes e correções aos seus comportamentos e falas, regrando, ao molde da hegemonia masculina, vidas (Lagarde, 2016). Quando acontece o estabelecimento do corpo na zona da loucura, há a marginalização e a opressão social que colabora para o silenciamento, subjugação e segregação de vivências, “está na base do conjunto de instituições do Estado e da sociedade civil encarregadas de separar os diferentes” (Lagarde, 2016, p. 689).

O claustro da histeria constitui toda uma estruturação social que deixa clara a violência exercida cotidianamente, ela é desempenhada com o intuito de colocar na loucura feminina todo “o caos, o transtorno da ordem cósmica, social e cultural” (Lagarde, 2016). É uma forma de assujeitamento dos corpos, acontecendo o “esgotamento da via feminina de viver a vida” (Lagarde, 2016). Tal enredamento anula as mulheres, internalizando normas em toda a sociedade de maneira que haja contenção de vivências, o arranjo que coloca a mulher na categoria da loucura é o fato propriamente de pertencer a tal gênero (Huberman, 2015). A criação de ambiente favorável à desqualificação da mulher acontece através da repetição, fazendo com que o cultural passe a ser absoluto como natural, portanto, há uma distorção da imagem do feminino (Lagarde, 2016).

A importância de relacionar os folhetins com as homossexualidades femininas e com a imposição do claustro da histeria advém da urgência do debate a respeito das construções que acontecem nas sexualidades e nos gêneros, olhando as composições que estabelecem o que é permitido ou vetado nas lesbianidades. Compreender as feitura dos termos “mulher” e “lésbica” nas veiculações da dramaturgia do Brasil diz sobre possibilitar entendimentos da composição do sistema cisheteronormativo que oportuniza ou não o desenvolvimento de vivências e corpos (Wittig, 2022), é o atentar-se para a lógica binária em seus efeitos, a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão (Butler, 2018).

A homossexualidade, por muito tempo, foi associada a uma inversão do sexo, onde o fato de uma pessoa se sentir atraída por outra do mesmo sexo implicaria um desejo de ser/estar no sexo oposto, então, entendia-se que uma mulher lésbica visava tornar-se homem e um homem gay tornar-se mulher, era o reforço da noção de que todas as pessoas se atraem pelo sexo oposto (Quinalha, 2022). Portanto, significava a cooptação dos corpos dissidentes em lógica heterossexual, ainda que este não fossem, de forma que permaneciam em lógica binária e de atração pelo sexo oposto, estabelecendo, também, a genitália como definidora de identidade de gênero, sexualidade e expressão de gênero. As lésbicas foram tidas como antinaturais pois não estão à disposição dos homens e se recusam à posição de submissão, assim, foram estabelecidas como não mulheres e, ao mesmo tempo, colocadas em estigma de que desejam ser homens. Para a escritora e feminista Monique Wittig, “Foi uma restrição política, e aquelas que resistiram a essa restrição foram acusadas de não serem mulheres de ‘verdade’” (2022, p. 12).

A noção de construcionismo trazida pela teoria queer, sendo os gêneros e as sexualidades formados por exteriores constitutivos (Butler, 2022), como a cultura em todas as suas influências e pedagogias, faz com que as lesbianidades não estejam fechadas em si mesmas, encontrando-se para além de uma prisão conceitual no que se refere ao significado de ser e estar lésbica, entendendo o termo como amplo. Teorizar para além do ideal de que uma pessoa lésbica é um corpo feminino que se relaciona com outro igual faz com que seja possível abarcar outras práticas e identidades, assim, pensando fora da lógica binária, monogâmica e mercadológica (Butler, 2022). Wittig teoriza sobre lésbicas não serem mulheres, pois a mulher existe apenas em lógica em sistemas de pensamento heterossexuais, caracterizando a heterossexualidade como regime político.

Em apreensão de Rich (2010), as lesbianidades são práticas e identidades, a partir da noção de *continuum* lésbico, compreendendo diferentes formas de ser lésbica. O processo social que articula gênero e sexualidade parte de diversos atores fazedores de discursos, deslocando para além de uma prisão conceitual de “mulher” e “lésbica”, entendendo, a partir de Haraway (2004), que sujeitos inteiramente coerentes são fantasias. Rubin (2017) discute como a sexualidade é atravessada por dinâmicas políticas e sociais, a autora propõe a observação sobre a hierarquia de práticas e identidades sexuais. O que materializamos no corpo se faz por repetição estilizada (Butler, 2022).

Ao apresentar-se como tradutora ou refletora da realidade (Lopes, 2009), as narrativas transmitidas para todo o país são também propositoras de crenças e comportamentos, designando a televisão como produção coletiva de imaginários coletivos, um meio massivo que movimenta um grande mercado de massa,

propondo desejos, fantasias, ideologias e sensações (Lopes, 2009). A consolidação do folhetim como o gênero mais popular e lucrativo da televisão está vinculada a uma mudança de linguagem, em relação ao cinema, onde as histórias são acessíveis a todos os públicos. A televisão, em todas as suas influências, pode ser colocada como poder disciplinador, ao lado da escola, da família e da igreja (Preciado, 2011)..

A telenovela, principal produto da teledramaturgia brasileira, é objeto de estudo de diversos trabalhos, tanto pelo processo de produção, como pela recepção e influência na sociedade (Lopes, 2009). A capilaridade da televisão nas casas brasileiras se dá desde que ela chegou ao país em 1950, aumentando ainda mais sua audiência quando, no mesmo ano, inaugurou-se, na TV Tupi, a transmissão de telenovelas, implicando-se na reprodução de representatividade que criam e/ou perpetuam determinadas matrizes de pensamentos. Os repertórios oferecidos pela radiodifusão se tornam ainda mais palpáveis à população pois ofertaram linguagem de fácil compreensão pela massa, de forma a transitar por todas as classes, idades e culturas. Trata-se de se estabelecer como instituição, assim como a escola, a igreja, o Estado e a família (Lopes, 2009).

O imaginário guarda sentimentos, lembranças e experiências, também impulsionando indivíduos ou grupos a uma busca da realidade, as pessoas agem porque são inseridas em correntes imaginárias (Silva, 2003). Ruiz descreve que ele é como se fosse nossa própria sombra, que não nos deixa, que expõe “uma imagem inapreensível do que somos” (2003, p. 81), pautando quem somos e porque agimos ou deixamos de agir. As telenovelas apresentam justamente tal sentido, apresentando sentidos e sentimentos transportados por imagens e sons, trata-se da imagem como espetáculo e cimento social (Silva, 2003). A aproximação da teledramaturgia com o telespectador faz com que haja envolvimento do receptor, acarretando emoções que dizem sobre o íntimo do indivíduo não apenas em relação a si, mas a seu entorno, como familiares e amigos reunidos para assistir novelas (Lopes, 2009).

Paul B. Preciado, em entrevista concedida a Jesús Carrillo (2010), diz acerca da necessidade de entender os meios de comunicação como complexo aparato político e econômico, usufruindo de ampla influência. Por essa ótica, é possível compreender como, no Brasil, parte significativa dos atravessamentos a respeito de gênero e sexualidade são perpassados pelas telenovelas por seu lugar de destaque nas vivências brasileiras, portanto, sendo possível percebê-las como tecnologias sociais, remetendo como prática significadora e de sentidos, onde a produção discursiva é um dos seus ápices. As interações das telenovelas com o cotidiano dos brasileiros propõe sentidos ao mundo, veiculando referências a

partir de práticas discursivas que posiciona pessoas. Os empreendimentos dos folhetins nas subjetividades dizem sobre afetos que geram sentidos, tornando-se a tecnologia aplicada à sexualidade como dispositivo de poder e saber (Foucault, 2021). Preciado (2017) aponta que tais tecnologias propiciam “milhões de espectadores compartilharem uma experiência ao mesmo tempo comunitária e desencarnada” (Preciado, 2017, p. 164).

Os domínios da domesticação política, social e econômica passam pela sexualidade (Butler, 2018), e estes não estão, como exposto anteriormente, apenas nas instituições como a medicina, a jurisdição e a igreja, na contemporaneidade a mídia tem ação primeira quando a respeito de controle, pois, em lugar de privilégio, pode ditar uma infinidade de noções que tocam as sexualidades.

O espaço simbólico das telenovelas constroem e reconstroem sentimentos, valores, emoções, fantasias e sexualidades, acionando no imaginário papéis de normalidade/anormalidade, heterossexualidade/homossexualidade, masculino/feminino, atividade/passividade (Miranda, 2011). Perceber a veiculação de tais narrativas a partir das representações e das recepções faz perceber as mensagens produzidas pelo emissor, assimilando o poder desses espaços sobre as lesbiandades denunciando estruturas compulsórias em relação às sexualidades em suas práticas e identidades.

A primeira telenovela que abordou o relacionamento entre duas mulheres foi *Entre quatro paredes*, transmitida em 1963 pela TV Tupi. O enredo apresentou Inês, uma mulher lésbica, que tentava seduzir Florence, esposa de seu primo. Já o primeiro beijo, um selinho, aconteceu, no mesmo ano e emissora, em *Calúnia*, entre Karen e Martha. Porém, é necessário pontuar que mesmo sendo nos anos 60 o primeiro beijo entre mulheres nas telenovelas brasileiras, apenas em 2011 aconteceu novamente. A ação realizou-se na trama de *Amor e Revolução*, transmitida e realizada pelo SBT, de forma que foram 48 anos e 20 telenovelas entre dois beijos lésbicos, são quase 50 anos de omissão de vivências e impedimento de expansão do imaginário político da população.

60 anos após *Entre quatro paredes*, período que abarca de 1963 a 2023, foram transmitidas 45 telenovelas que de alguma forma mostraram relacionamentos entre mulheres, esses mais ou menos visíveis, com mulheres lésbicas ou bissexuais, sendo três na década de 1960, três na década de 1970, cinco na década de 1980, três na década de 1990, seis na década de 2000, dezenove na década de 2010 e seis na década de 2020. Duas foram exibidas pela TV Tupi, uma pela Record, uma pelo SBT e quarenta e uma pela TV Globo.

Se compararmos os anos 60 com a última década finalizada, sendo a de 2010, observamos um crescimento expressivo no que se refere ao aparecimento

de personagens mulheres que se relacionam entre si, de maneira que vê-se certo avanço em relação a visibilidade de tais existências antes invisibilizadas, entretanto, não é toda aparição e leitura de certa vivência que se faz de forma positiva (Butler, 2022). São frágeis as conquistas lésbicas: *Senhora do destino*, 2004, contava com o casal Jennifer e Eleonora, quando a novela retornou ao ar, 2017, a história das duas foi completamente cortada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Clara (Regiane Alves) e Helena (Priscila Szejnman) (imagem 10) se conhecem na academia onde Helena é personal trainer, assim, se torna professora de Clara. Porém, no início da trama, Clara é casada com Théo, com quem tem o filho adolescente Rafael, e se entende como uma mulher hétero, dizendo nunca ter imaginado uma vida diferente dessa. As personagens se tornam amigas.

O relacionamento de Théo com Clara é bastante conturbado, o esposo é agressivo e manipulador, de forma que desde o início do casamento ela é subjugada por ele de diversas formas, inclusive sendo posta em local de histórica quando questiona certos comportamentos do marido como traições recorrentes. O esposo utiliza artifícios que estabelecem a personagem no espaço da loucura, de maneira a tentar manipulá-la a partir da dúvida que coloca sobre suas percepções. A Helena percebe a situação da amiga e elas conversam sobre, mas Clara mantém-se, por ser manipulada, defendendo Théo, ainda que ele tenha lhe causado muitos danos psicológicos, físicos e materiais.

Com a aproximação das duas personagens, Helena percebe estar se apaixonando por Clara, mas tenta manter-se distanciada por saber que a amiga é hétero, porém, Clara também aparenta estar sentindo algo para além da amizade, mas ignora, visto que acha impossível que ela tenha algum sentimento por mulheres, assim como que poderia se apaixonar depois de tantos anos de casada. O primeiro beijo das duas acontece em um restaurante, porém, quando ainda são apenas amigas. A cena parte do comportamento de dois homens aleatórios que se aproximam da mesa delas e as chamam para tomar alguma bebida, quando as mulheres negam, elas fazem piadas indicando que as duas seriam sapatão, então, Clara se levanta e beija Helena. Para a professora, o momento foi intenso porque ela já estava completamente entregue à paixão por Clara, mas a amiga diz que só tomou essa atitude para afastar os homens que a incomodavam.

A aproximação de Clara e Helena torna-se uma questão para Théo, que percebe que a esposa está passando muito tempo com a professora, então, ele a enfrenta com ataques como: “A gente é casado. Eu sou seu marido, e você minha

mulher. Eu sei que você fez isso de ficar com outra mulher para me provocar, pra me trazer de volta. Funcionou. Eu sou seu.” e “eu achava que aquela personal mal-educada nem ligasse pra sexo. Que safadinha! Aliás, as duas! Você também sempre me surpreende!”.

No decorrer dos episódios, as mulheres conversam sobre o que sentem e começam uma relação, Clara, então, já esgotada do casamento com o Théo, pede o divórcio, porém, o homem apenas debocha dela, dizendo que Clara não está bem da cabeça, e diz que isso vai passar, além de ameaçá-la dizendo que ela e o filho ficarão sem ter onde morar e o que comer se não estiverem com ele.

No dia 6 de junho de 2023, iria ao ar o primeiro beijo das personagens enquanto namoradas, porém, o afeto foi cortado do capítulo. Na cena em questão, as duas protagonistas estão se despedindo, Clara, então, questiona a namorada: “Cansada de namorar uma mulher com um filho adolescente?”, pois Rafael estava enfrentando algumas questões psicológicas, Helena responde se declarando e segura o rosto da namorada para se despedir, entretanto, ao invés de um beijo, a cena foi regravada e elas se abraçaram. Na manhã seguinte ao acontecido, nas redes sociais, a hashtag #GloboHomofóbica esteve entre os assuntos mais comentados, os fãs da telenovela, os movimentos LGBTQIA+ e até mesmo parte do elenco de “Vai na fé” acusaram a emissora de, mais uma vez, em 2023, censurar um beijo lésbico. No início do ano, o mesmo ocorreu com Aruanas, na Globoplay. Após a repercussão do beijo censurado, a TV Globo manifestou-se alegando que o beijo de Clara e Helena iria ao ar nas semanas seguintes, assim, dias depois, um selinho foi transmitido.

Théo, em um momento de raiva extrema por Clara não estar mais submissa a ele e encontrando o seu próprio caminho, vai até a academia de Helena para confronta-la: “Você devia ser mais educada com o marido da sua amante. Aliás, qualquer dia desses, a gente pode fazer uma brincadeirinha, nós três. Eu, você e a Clara”, Helena responde que “nem com uma arma apontada para minha cabeça eu deixaria um sujeito tóxico como você me tocar”.

Depois de intensas cenas em que Théo trata o relacionamento de Clara e Helena com violências, o personagem muda o foco e as deixa de lado, outras questões, envolvendo dinheiro e sua obsessão por Sol, surgem no enredo. Assim, as personagens conseguem de fato permanecer em paz em relação a escolha de estarem juntas.

Em um dos capítulos finais, Helena leva Clara para conhecer suas amigas, outros dois casais de mulheres, mas Helena se mostra com certo desconforto com a namorada que parece ainda não aceitar-se totalmente em cena que diz “eu não gosto de mulher, eu gosto só da Helena”, de forma que todas que estão na

mesa se mostram espantadas com a fala. A partir desse jantar, Clara e Helena se desentendem, em situação onde Helena diz sentir-se uma aventura de Clara, que a qualquer momento pode dizer que não sente nada mais pela mulher.

No final da trama, após um curto período de separação, o casal se reencontra em um casamento, então, decidem dar uma nova chance ao relacionamento pois ainda se amam, assim, quando termina o folhetim, elas estão juntas planejando um futuro.

O claustro da histeria aparece na telenovela a partir da relação de Clara e Théo, as ações do homem faz com que ela duvide de si e de sua relação com Helena, são feitura que há muito impõem-se aos corpos das mulheres, em local onde suas sanidades são postas a prova. O espaço social ocupado pela mulher, seja esse público ou privado, é alvo de diversos olhares e interferências que buscam performances que dizem diretamente sobre corpos femininos, onde há imposição de ideais formulados pela cisheteronormatividade. Colocar a mulher em zona de histeria, reitera a gama de silêncios que a cercam, aqui, em relação ao que deseja afetivo-sexualmente.

O fato de que Clara se apega a Helena porque está em uma casamento ruim e precisa de apoio emocional, enredo que também aparece em outras telenovelas, traz a noção de que relacionamentos entre mulheres acontecem apenas quando o relacionamento de alguma delas com um homem termina ou está péssimo, portanto, sendo vinculado, novamente, ao masculino, como se não houvesse maneira de vivência do feminino para fora dele.

O primeiro beijo ter sido em função do olhar masculino é um reflexo de como são tidas as lesbianidades socialmente, muitas vezes encaradas como comportamentos que intencionam o olhar masculino ou existem em função de chamar a atenção para algo, deslegitimando práticas e identidades. Théo insinuar que Clara se aproximou de Helena para apimentar a relação faz parte desse ato de relacionar as mulheres a todo tempo com um homem, fetichizando suas relações.

O corte da cena de beijo em um momento em que entende-se que há avanços da comunidade LGBTQIA+ demonstrou a fragilidade dos corpos dissidentes em relação ao sistema cishetenormativo. Uma cena em que acontece o beijo das personagens só foi ao ar quando intensas manifestações ocorreram na internet como protesto à censura, de forma que a emissora viu que poderia haver certo prejuízo com as pessoas que fazem parte da sigla. Portanto, vê-se que, mais uma vez, as histórias lésbicas são rodeadas unicamente do ganho ou não da TV Globo, de modo que o que está em jogo é o capital, não qualquer intenção de ajuda ou visibilidade positiva aos corpos.

Clara e Helena encerram suas histórias juntas e conversam sobre formar uma família entre as duas e Rafael, filho de Clara. Novamente, o que se espera, pela norma, é que estabeleçam seu relacionamento no casamento, na monogamia e na maternidade, qualquer ação para além disso seria tido como desvio.

As mulheres que se relacionam são brancas, com idades entre 30 e 40 anos, da classe média do Rio de Janeiro, cisgêneros, apresentando comportamentos esperados de indivíduos tidos como naturalmente femininos. Os corpos que representam as lesbianidades colocam como identidades e práticas lésbicas aceitáveis quaisquer que indiquem o casamento, elencando a monogamia, a maternidade e uma noção de papéis dentro do relacionamento das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lesbianidades ganharam mais tempo de tela e as personagens são mantidas vivas, mas as aparições não são inteiramente positivas para as sexualidades, visto que colocam os corpos lésbicos em lógica cisheteronormativa: as personagens são brancas, magras, jovens, ricas, cisgêneros, cariocas, performam feminilidade, destinam seus relacionamentos ao casamento monogâmico e pretendem ser ou são mães. Portanto, há um embargo em relação à totalidade das lesbianidades que existem, evidenciando que não tem sido democrática a maneira como tem se dado as representatividades nas telenovelas. A relação poder-saber da qual estamos inscritos em sociedade manobra corpos dissidentes para comprovação da norma.

Em relação ao claustro da histeria, o personagem Théo pode ser visto como uma personificação das opressões sofridas por mulheres no que se refere ao seu poder de ação socialmente, onde, quando não cumprem o que manda a normatividade, são postas em local da loucura. Assim, vê-se que Clara foi atingida duplamente na trama, ambas violências por ser mulher, ocupando o estigma da sexualidade, por sua relação com Clara, e o da histeria, espaço criado pelo esposo para manipulá-la.

Os relacionamentos entre mulheres que sobrevivem a histórica matança das lésbicas são destinados ao casamento monogâmico – exatamente como são os casamentos hétero, com instuição religiosa e vestidos brancos – e a criação de filhos. Assim, localizamos o conceito de normalidade pelo poder disciplinar, transformando e aperfeiçoando os indivíduos em corpos dóceis e úteis mediante estratégias de domesticação e controle, resultando na homogeneização e na coibição de possíveis desvios (Foucault, 2014). Se antes os dispositivos estavam centrados nos saberes médico, jurídico e moral (*Ibidem*, 2014), agora, a mídia

emerge como privilegiado local de controle. Butler (2022) aponta os riscos políticos e teóricos de limitar a discussão da normalização da homossexualidade/lesbianidade no casamento e na família, debatendo sobre o reconhecimento do Estado para as relações homossexuais, onde os poderes de normalização intensificam-se, impedindo a materialidade e o pensamento de um projeto radical no campo sexual que digam sobre práticas e identidades sexuais fora do casamento e das obrigações do parentesco.

REFERÊNCIAS

AMOR e revolução. Thiago Santiago. SBT, 2011.

BUTLER, J. **Discurso de ódio:** Uma política do performativo. São Paulo: Unesp, 2021.

CALÚNIA. TV Tupi, 1963.

CARRILLO, Jesús; PRECIADO, Paul B. Entrevista com Preciado. **Revista poiésis**, v. 11, n. 15, p. 47-71, 2010.

ENTRE quatro paredes. TV Tupi, 1963.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a sexualidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista. **Cad. Pagu**, 2004, n.22.

HUBERMAN, Georges. 2015. **Invenção da histeria.** Rio de Janeiro: Contraponto.

LAGARDE, M. et al. **Los cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. Cidade do México: Siglo XXI Editores México, 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, v. 3, n. 1, p. 21-47, 2009.

MIRANDA, Marcelo. Mediações: telenovelas e sexualidades como elementos decondensações de sentidos híbridos entre a hegemonia e a resistência. **Razón y Palabra**, n.77, 2011.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RICH, Adrienne. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence**. Signs, v. 5, n. 4, verão, p. 631-660, 1980.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 343-363.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SENHORA do destino. Aguinaldo Silva. TV Globo, 2004.

SILVA, Machado da. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

“VAI na fé” marca melhor audiência de uma novela das 19h desde “Pega Pega”. **O globo**. 28 de mar. de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/koqut/audiencia/noticia/2023/03/vai-na-fe-marca-melhor-audiencia-de-uma-novela-das-19h-desde-pega-pega.ghtml>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

VAI na fé. Rosane Svartman. TV Globo, 2023.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Autêntica Editora, 2022.